

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

PRODUÇÃO DA HISTÓRIA VIVA: EXPERIÊNCIA DE USODO PATRIMÔNIO E DA MEMÓRIA.

Prof^a Dr^a MARCIA CRISTINA PINTO BANDEIRA DE MELLO¹

O presente trabalho tem como objetivo central, expor algumas das possibilidades do uso da História para a Educação Patrimonial, na escola. Professora do Colégio Pedro II, há mais de vinte anos, pude experimentar junto ao Laboratório de Ensino de História, do Campus São Cristóvão III, no Rio de Janeiro, projetos, muitos desses realizados e construídos por alunos do Ensino médio, na área de Patrimônio. Na verdade optei por expor apenas dois desses projetos, que foram pensados e colocados em prática visando dar a História vida dentro e fora da escola. Portanto falo da cidade do Rio de Janeiro e discuto o uso da paisagem como documento histórico.

Surpreendentemente o movimento urbano atual não é mais o de quebrar o velho e construir o novo, mas, o de reconstruir o velho, restaurar o antigo. Assim a cidade livre de modelos “novos” ou “modernos” não precisa mais se prender a uma forma. Segundo Huyssen (2000), vivenciamos a emergência da memória como uma das preocupações culturais e políticas centrais das sociedades ocidentais. Esta preocupação pode ser observada no movimento de restaurar os velhos centros urbanos, na proliferação de museus, nos empreendimentos patrimoniais e nas heranças nacionais, além de uma explosão da moda retrô, biografias etc. Compartilhando com essa visão encontramos autores como Martín Barbero, Canclini, e no campo do Turismo, Graham Dann², que afirmam que hoje se gasta muito tempo e energia para se evocar o passado. Vários países estão se promovendo através do seu passado, o que podemos denominar “*Comércio dos séculos*”³. Pois como nos escreveu Calvino⁴:

¹ Colégio Pedro II – Rio de Janeiro -Coordenadora do Laboratório de metodologia de ensino em História - Professora convidada do curso de *latu-senso* em metodologia de ensino em História do Colégio Pedro II /RJ.

² Graham M.S.Dann, “Não há empreendimento como os empreendimentos de outrora”: o Turismo, a indústria da nostalgia do futuro in Theobald(org) *Turismo Global*, senac,S.P. 2201

³ op.cit.p.58

⁴ Calvino, Ítalo. *As cidades Invisíveis*.

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

2

(...) a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras”⁵

Este fenômeno segundo Huyssen (2000), iniciou-se a partir da década de 70 e ganhou força em paralelo com o movimento de globalização econômica. Poderia ser entendido como uma preocupação de fim de século, mas também pode ser compreendida através de uma mudança da própria estrutura da memória e da temporalidade vivida por nós. Passamos do Futuro presente da modernidade para o passado presente (Huyssen, 2000, p.9), já que o futuro hoje pela rapidez das mudanças, por vezes nos parece descartável, imensurável, de forma que não podemos tentar prever como os modernos um dia fizeram. Segundo Deleuze (1999), a memória para Bergson, pode ser vista como “*conservação e acumulação do passado no presente*” (apud Deleuze, 1999, p.39), ainda como uma contração de multiplicidade de momentos, e finalmente a idéia de que “*o momento seguinte contém sempre, além do precedente, a lembrança do que este lhe deixou*” (apud Deleuze, 1999, p.39). Portanto, entendemos que a memória hoje passa a ser vista como um fenômeno de justaposição e conexão entre as lembranças, uma multiplicidade de momentos, desejos que possam assegurar uma imagem de futuro, pois de alguma forma, a memória se presta para “*prolongar incessantemente no presente um passado indestrutível*” (Deleuze, 1999).

O mundo contemporâneo buscava propostas para melhor viver, mas assistiu um aumento das desigualdades sociais e econômicas, o que gerou uma certa desilusão no futuro, uma impossibilidade de pensar um futuro ideal. Assim, perdemos a certeza que o homem moderno tinha de um futuro sempre melhor. Habermas⁶ em 1984 trabalha que a crise resultou em um esgotamento do caráter utópico, onde a cultura ocidental perdera a confiança em si mesma.

⁵ In Cavenacci, idem 30, p.126.

⁶ J.Habermas, A Cultura Ocidental e a perda da confiança em si mesma in *Revista Presença*, RJ, nº9, p.140-155, 1987.

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

3

Dessa forma, acho interessante lembrar o que escreveu Boaventura Santos⁷, em 1988:

“Em vez da eternidade, a história; em vez do determinismo, a imprevisibilidade; em vez do mecanismo a interpenetração, a espontaneidade e a auto-organização; em vez da reversibilidade, a irreversibilidade e a evolução; em vez da ordem, a desordem; em vez da necessidade, a criatividade e a evolução”.(Boaventura, 1988, p.28).

Retomando Huyssen (2000), essa cultura da memória passa também a ter seu uso político. A memória se tornou uma obsessão cultural, ao mesmo tempo global e local.

Com grande propriedade, quem pode nos ajudar na análise da memória e do patrimônio Cultural é José Gonçalves (1994), como o seu livro “*A Retórica da Perda*”. Que nos atenta para questões como a importância do Patrimônio cultural para formação do que B. Anderson⁸ (1989) denominou “*Comunidade Imaginada*”. Essa comunidade, como sugeriu Anderson⁹, pode ser construída discursivamente enquanto literatura, enquanto raça, ou dentre outras formas enquanto uma política cultural visando a recuperação e a preservação de um patrimônio cultural. Para Gonçalves (1994), a questão do patrimônio cultural nos remete a outras duas questões de grande importância: a da Memória e a da Identidade. Como já foi mencionado anteriormente, são duas questões de peso no cenário acadêmico atual.

Para esse autor, as chamadas políticas culturais de preservação histórica estão sempre relacionadas à restauração. A coleta e a preservação de algo que inexoravelmente estava fadado à destruição. Com a necessidade de manter esses remanescentes do passado, assim como as diferenças entre culturas, valores, objetos, instituições associados a uma cultura, tradição, identidade ou memória nacional, desenvolve-se um movimento de colecionar esse patrimônio que está sendo destruído e disperso, onde o presente seria um processo de perda progressiva. Portanto, nesse patrimônio encontraríamos coerência, totalidade e autenticidade.

⁷ Boaventura Santos, *Um discurso sobre as ciências*. Porto, Afrontamento, 1988/1990

⁸ Benedict Anderson, *Nação e consciência nacional*, São Paulo, Atica, 1988

⁹ idem

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

4

No mundo atual, onde as identidades se apresentam fragmentadas, dispersas ou em trânsito relacional, como colocou Tício Escobar (2000), o patrimônio cultural ganha uma importância grande como resposta a essa fragmentação e também à transitoriedade dos objetos e valores. Enfim,

“Apropriar-se é sinônimo de preservação e definição de uma identidade, o que significa dizer, no plano das narrativas nacionais, que uma nação torna-se o que ela é na verdade na medida em que se apropria do seu patrimônio. Em outras palavras as práticas de apropriação e colecionamento são entendidas como um esforço no sentido de restabelecer ou defender a continuidade e a integridade do que defini a identidade e a memória nacional”.(apud Gonçalves, p.24,1994).

Tanto o patrimônio como os monumentos são construções. Para Le Goff (1994), através de um monumento, pode-se verificar um ato de poder, uma intenção de perpetuar e, portanto, de passar para gerações futuras feitos do passado. Em síntese, o monumento é para não deixar algo cair no esquecimento, e assim ser um elemento constitutivo da memória das gerações futuras. Não podemos deixar de verificar que existe nessa construção um jogo de poder, onde os resultados são montagens conscientes ou inconscientes, da história, da época, da sociedade que o produziram (Le Goff: 1994). Como sintetizou Rossi :

“os monumentos, sinais da vontade colectiva expressos mediante os princípios da arquitetura(...) pois se o rito é o elemento permanente e conservador do mito, também o é o monumento, o qual no próprio momento em que testemunha o mito, torna possíveis as formas rituais.” (Rossi, 1977:26/30)

A partir da importância do monumento, e das mudanças verificadas nas últimas décadas do século passado, é necessário nos atermos à discussão do patrimônio cultural, tal como Canclini nos alerta. A existência da necessidade de redefinição do que denominamos patrimônio, e da importância que este hoje tem para o jogo político, não só dentro da política interna dos estados como também na delimitação da identidade no universo multicultural.

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

5

Quando trabalhamos Patrimônio Cultural como sendo um legado da narrativa histórica e antropológica, está intimamente ligado à idéia de Nação e à questão identitária. Verificamos que este patrimônio se faz meio da objetivação de idéias e valores classificados como nacionais, ou seja, o patrimônio pode ser visualizado na forma de objetos, coleções, monumentos, cidades históricas e estruturas similares, como cita Gonçalves (1994). No caso específico brasileiro, esse patrimônio sempre aparece ameaçado de destruição, portanto, a narrativa volta-se sempre para o sentido de reconstrução do patrimônio, o que na verdade significaria a manutenção de uma identidade e de uma Nação.

Assim, com este envolvimento direto entre a narrativa do patrimônio e a construção da narrativa da Nação e da Identidade, podemos nos reportar a Barthes (1988), quando este discute a idéia de “efeito de real”, que é produzido com o uso de detalhes aparentemente insignificantes em narrativas realistas. O patrimônio que é objetivamente visualizado em objetos que isoladamente poderiam não ter grandes significados, juntos ganham na narrativa o status de patrimônio histórico, e passa a criar um efeito de real, ou seja, uma ilusão de que esta narrativa é verdadeira e realista. Assim, o turismo e outras atividades como: jornalismo, fotografia e etc perpassam a necessidade de autenticar o real. E, é o realismo literário que Barthes (1988) associa à narrativa histórica e a qualquer outra instituição cultural que necessite de autenticar o real.

Dessa forma, se o patrimônio cultural e histórico de uma Nação na verdade é o que constrói com coerência e torna verossímeis estas narrativas, ressaltamos que a visita a museus, cidades históricas, etc, pode ser compreendida como uma tentativa do efeito do “estive-lá”. “Lá” significa na Nação, dentro da Comunidade Imaginada a qual o turista não pertence. O patrimônio ao criar o efeito do real, possibilita a quem o visita se sentir incluído, gerando a idéia de possibilidade de se conhecer por dentro a Nação visitada. O Patrimônio possibilita uma reconstrução imaginativa (Benjamim in Gonçalves:1994) da Nação visitada, ou pode ser visto como uma “unidade de simulacro” como definiu Derrida (apud Gonçalves:1994), que ao mesmo tempo é falsa

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

6

e verdadeira, ou nem falsa nem verdadeira. O patrimônio pode ser visto como uma parte do que hoje foi chamado por Turkle¹⁰(1995) de cultura de simulacro.

A partir dessa viagem ou dessa simulação proporcionada pelo Patrimônio, o aluno se sente mais inserido existente na sociedade em que visita, inserido também em algo muito maior, em um universo global, ou melhor, nas diferentes Nações visitadas por meio do patrimônio. O que cria nele a sensação de que conheceu, entendeu, mexeu por dentro dessa Nação que não lhe é mais estranha e nem ameaçadora. Através da simulação ou do efeito de real, criada pela posse do patrimônio ele (o aluno) se sente possuidor de um conhecimento ou de uma vivência que o inserirá em algo chamado Mundo. A partir dessa idéia é que nasceu a proposta de fazer o aluno vivenciar, conhecer, tocar e até mesmo simula seu patrimônio, no caso, o patrimônio da sua cidade. A diversidade cultural e de patrimônio são considerados uma fonte insubstituível de riqueza espiritual e intelectual de toda a humanidade.

Na verdade defendo que o aluno, ao ter acesso ao patrimônio cultural e histórico da sua cidade ou de qualquer outro local, estará dentro de uma cultura de simulação, ou de um efeito do real, que o permitirá criar novas representações para aquela narrativa, ou para a narrativa daquela Nação.

Através dos projetos que visam uma Educação patrimonial, para os alunos de ensino médio, poderemos ter a incorporação de novas influências no patrimônio local, resultando em sua descaracterização ou ainda em uma releitura. Porém, qualquer que seja a consequência, o bem cultural que poderia estar esquecido em uma prateleira de museu ou em um quarto dos fundos de uma casa local, passa a ser tratado como algo importante.

Mas o que é o patrimônio carioca de onde falo? Essa foi uma das questões levantadas para os alunos que realizaram projetos em torno dela. Seguindo a lógica da construção do patrimônio brasileiro, o Rio de Janeiro, sofreu a ação dessa seleção, sobre os seus bens materiais e imateriais. A formação e seleção de um está intimamente relacionado à seleção e construção do outro. Lembramos que o Rio de Janeiro, capital

¹⁰ Shirley Turkle, *A Vida no Ecxrã*, Lisboa, Sociedade digital, 1995

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

7

federal até 1960, e participa ativamente de todo esse debate. A natureza, os recursos e a beleza natural do Rio de Janeiro são mostrados como o grande patrimônio da cidade. Contudo, a sua alegria, hospitalidade e espontaneidade fizeram do carioca o verdadeiro patrimônio da cidade. Seguindo uma lógica de valorização econômica, social, cultural e política sobre a escolha desse patrimônio verificamos que as marcas, matéria prima também para formação dos seus cenários aparecem como peças chaves na construção desse patrimônio.

O carnaval, denominado com festa temática, abre espaço para a herança cultural e representa o que de maior o carioca é capaz de fazer para festejar toda a sua felicidade. Museus, áreas preservadas e reconstruídas aparecem hoje como uma importante herança a ser preservada. Um movimento de recuperação de antigos cenários outrora esquecidos toma conta não só das autoridades públicas, mas também da iniciativa privada. Construções como antigas matrizes estão sendo restauradas. As revitalizações do centro da cidade e da área portuárias fazem parte de projetos públicos e privados para conservação do que podemos denominar patrimônio histórico carioca.

Vivemos hoje uma retomada de nossa memória e de seus bens materiais, para que possamos buscar e reafirmar a nossa identidade e a nossa singularidade. Tal singularidade que podemos também denominar de originalidade é o que dá o caráter mestiço a esta cidade. Os cenários que se entrelaçam e unem o antigo, o novo e o velho estão presentes o tempo todo na cidade. O popular e erudito, estão em permanente intercâmbio, o que a singulariza. Encontramos, portanto, o natural, o cultural e o histórico construindo um patrimônio carioca que é vendido pelo mundo inteiro. Despertando a curiosidade dos estrangeiros em conhecer esse paraíso tropical, que possui história e pinta de grande metrópole. Enfim, uma cidade global e multicultural, que hoje vê no turismo o melhor elemento de inserção no mundo globalizado.

Nesse ponto quero encaminhar o artigo para o seu objetivo central: *o uso da História na Educação Patrimonial*.

Desde 2010, leciono no curso Integrado de meio Ambiente, do Colégio Pedro II, uma disciplina denominada : Preservação Ambiental. No início relacionar o tema da

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

8

disciplina com o ensino da História não foi simples mas no decorrer do trabalho com os alunos, vi que o objeto para estabelecer tal relação era o uso da paisagem como fonte histórica. A paisagem passou a ser o eixo norteador da disciplina e da relação que a mim foi pedida pela chefe de departamento de Biologia, e, coordenadora do curso Integrado de Meio Ambiente.

O pedido foi que eu pudesse trabalhar na disciplina temas como: memória, patrimônio, preservação e conservação. Assim, o estudo da paisagem me apareceu como o eixo perfeito para tal tarefa. Busquei na Teoria da História, o que poderia fundamentar minha opção, e assim me deparei com o campo: História da Paisagem.

Segundo Francisco Carlos (1997/204)¹¹ nem mesmo o “olhar treinado”, de geógrafos, historiadores ou agrônomos, conseguiam perceber de imediato a ação do homem quanto tinham como objeto de análise, as florestas ou savanas. Assim, o autor busca defender o abandono dessa visão tradicional que consideravam as forças naturais como fator externo ao processo histórico, e incluir dentro do processo histórico vasto a relação homem/natureza. Para isso, temos que a partir das transformações sofridas nas paisagens buscar o reflexo da interação do homem com a natureza.

Contudo nos fins do século XIX e início do século XX, a história passava por mudanças conceituais, o positivismo que marcara a disciplina por décadas, passava a ser questionado pelas ciências humanas e pela história posteriormente, outras disciplinas surgiram o que trouxe consequências para história, a ideia de não mais buscar apenas a verdade mas também teorias sobre as transformações e funcionamento da sociedade. Tal atitude fez com que houvesse uma ampliação das fontes históricas e a paisagem, vista como resultado material da ação humana, passa a ser preocupação de Lucien Febvre, assim como a cultura material passou a ter lugar na história como com Adolphe Lods, e Fernand Braudel que em 1952, lança a sua obra sobre a civilização material.

Objetivando, a definição de paisagem como fonte histórica, compartilho com a conceituação do geógrafo Milton Santos quando chamou de paisagem uma combinação de objetos naturais e objetos fabricados, ou sociais, que são o resultado da acumulação da

¹¹ Silva, Francisco Carlos In: Cardoso, Ciro e Vainfas, Ronaldo. *Domínios da História*. Rio de Janeiro;Elsevier,1997.p.204

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

9

atividade de muitas gerações. Para compreendê-las o autor nos adverte que ela se define como “o que nossa visão alcança (...) não sendo formada apenas por volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc.” (SANTOS, 1997, p. 61)¹². Completando tal ideia podemos destacar a necessidade de contextualização da paisagem como advertiu, o historiador britânico, Alun Munslow:

“ a evidência não constitui conhecimento histórico disponível e pronto, que pode ser simplesmente engolido e digerido pelo historiador. As fontes tornam-se úteis como fatos históricos apenas quando o historiador as submeter a uma série de conhecimentos contextualizados que ele já possui.”¹³

Assim, considero ainda uma paisagem como testemunho visual de elementos estéticos e simbólicos construídos historicamente. Esta paisagem é mais ou menos durável, é um ponto determinado no tempo, representa diferentes momentos de desenvolvimento, resultado de uma acumulação no tempo.

Em outras palavras:

(...) toda paisagem tem uma identidade que é baseada na constituição reconhecível, limites e relações genéricas com outras paisagens, que constituem um sistema geral. Sua estrutura e função são determinadas por formas integrantes e dependentes. A paisagem é considerada, portanto em certo sentido, como tendo uma qualidade orgânica. (SAUER, 1998, p. 23)¹⁴

Na verdade, ver a paisagem como uma fonte histórica, me levou a considerá-la também uma objeto ideal para trabalhar Educação patrimonial com os alunos. Ressalto ainda que a Educação Ambiental, se encontra para mim no centro da Educação Patrimonial, quando temos a temática de preservação e conservação patrimonial. Pois trata-se de um objeto de natureza interdisciplinar. Quando atentamos para a ideia de que a paisagem se constitui não somente de dados geográficos mas de vários fatores que se apresentam na organização dos

¹² SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1997.

¹³ Munslow, Alun, *Deconstructing History*, Alianza, 1987. In Pinsky, Carla (org). *Fontes históricas*; São Paulo: Contexto, 2005, p.94.

¹⁴ SAUER, Carl O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). *Paisagem, tempoe cultura*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998. p. 12-74.

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

10

espaços, pois nela encontramos dados da geografia física, da sociologia, do direito e da demografia¹⁵. A paisagem pode ser vista como um produto cultural, e se partimos do amplo entendimento de ser o plano cultural dividido com o biofísico, o econômico, o social e o tecnológico, e principalmente da possibilidade de conhecimento que são dadas ao homem como forma de integrar-se na natureza e dela participar¹⁶.

Assim, fazendo da paisagem um documento histórico, que o curso foi pensado e assim ele se tornou realidade há cinco anos (2010-2015), no Colégio Pedro II, Campus São Cristóvão III, especificamente para o Curso Integrado de Meio Ambiente. E, quando nomeio a Paisagem de documento histórico me respaldo em toda discussão feita por Bloch, sobre a relação monumento-documento. A paisagem passou a ser mais uma fonte a ser trabalhada e usada na História., como já justifiquei anteriormente.

De acordo com a autora Circe Maria Bittencout, em seu livro “*Ensino de História*” nos fala dos “*procedimentos metodológicos em práticas interdisciplinares*”, a autora afirma que os debates sobre meio ambiente ou ecologia que visam à educação ambiental parecem pouco familiares nas salas de aula de História. Muitas vezes pelo fato de que parece surgir um estranhamento como se a História estivesse invadindo território alheio, contudo ela adverte que os temas abordados na área do meio ambiente são familiares às ciências humanas.

No caso específico do estudo que apresento, fica mais fácil, a exposição da importância do estudo de paisagem para se chegar a temas como memória, patrimônio, preservação e depredação. Pois, o Rio de Janeiro, por ser uma cidade mestiça e possuir os destemplos, oferece um misto de paisagens simultâneas, portanto, acho conveniente lembrar Carlos Lessa,¹⁷ quando esse afirmou que o Rio de Janeiro é uma espécie de aglutinado das variedades do país, uma síntese de características e potencialidades nacionais, espaço aberto a todos que aqui chegam.

Esclareço que a mestiçagem a que me refiro não é algo restrito ao passado, e muito menos pode ser restrita somente ao racial. Ela é uma trama de tempo e espaço, de memórias e de imaginários.

¹⁵ Silva. Op.cit.p.211

¹⁶ Segundo,FERRARA.. Lucrécia In YAGIZI, Eduardo (org) *Turismo: espaço, paisagem e cultura*:. São Paulo: Hucitec, 1999.

¹⁷ Carlos Lessa, *O Rio de todos os Brasis*, Rio de Janeiro, Ed. Record,2001

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

11

Durante o ano de 2011, o laboratório, associou a disciplina Preservação Ambiental, disciplina específica de História dentro do Curso Integrado de Meio Ambiente, a disciplina História regular do terceiro ano do ensino médio e da disciplina Desenho no projeto “**Perspectivas**”(O corredor histórico cultural do centro da cidade do Rio de Janeiro – perspectivas). Visitar os espaços históricos da cidade do Rio de Janeiro proporcionou aos alunos não somente o reconhecimento dos traçados segundo as regras da perspectiva exata, como também a oportunidade de ampliar o entendimento do próprio conceito de perspectiva: um olhar na direção dos fatos, numa perspectiva história¹⁸. Um olhar para a paisagem urbana construída, para espaços remodelados em diferentes períodos da nossa história. E talvez mais do que isso, de compreender a posição e motivações de sujeitos observadores de seu próprio tempo, por intermédio de suas edificações. O estudo da representação da perspectiva cônica, assunto relevante e que justifica a parceria das disciplinas Desenho e História nesse projeto, pressupõe a representação dos objetos do espaço baseada na experiência visual humana, de modo que a posição do observador é decisiva, pois diferentes pontos de vista fazem gerar diferentes imagens. Com relação a paisagem, retomamos o que Jackson, ressalta que a importância de não se confundir a paisagem com a percepção que se tem dela. Dessa forma, mais uma vez demonstramos o caráter histórico dessa paisagem e a importância do trabalho realizado no Colégio Pedro II.

Para a disciplina História e de Preservação Ambiental, a paisagem urbana, passou a ser um documento que possibilitou a partir desse a construção do conhecimento histórico do educando. Reconhecendo a paisagem como objeto de estudo histórico, marcado de historicidade possibilitou ao educando a construção de uma consciência histórica. E, ao mesmo tempo pode-se afirmar que tal atividade foi sem dúvida um projeto de Educação Patrimonial e Ambiental que se propôs a extrapolar os limites físicos da escola e das fotos impressas em livros para mergulharmos em nossa fascinante paisagem histórico cultural, que pode ser percebida a partir de diferentes perspectivas. Dentre os objetivos que nortearam o

¹⁸ **Proposta de avaliação para o 2º trimestre: Atividade em dupla a ser avaliada em História e Desenho.** Ao percorrer o corredor histórico cultural do centro da cidade do Rio de Janeiro, os alunos deverão escolher duas paisagens que retratem dois momentos históricos, contextualizá-las historicamente e, através de imagens, representá-las de diferentes perspectivas.

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

12

projeto o que aqui se torna relevante é o de possibilitar o educando a contextualizar historicamente as paisagens do corredor histórico cultural do centro da cidade. Pois qualquer monumento isolado, de significado autônomo está muito longe de contribuir para a consciência histórica, que é um vértice da preservação da paisagem, segundo Yagizi¹⁹

Preservação da paisagem que pode ser traduzida como uma preocupação com a preservação do próprio patrimônio da cidade.

Sempre após o percurso fazemos uma avaliação com os componentes do grupo, e percebemos que ao final de cada oficina e atividade com alunos, constata-se o incentivo que representa para cada um esse percurso: seja sob a forma de Educação Ambiental e Patrimonial, seja sob a forma de valorização da História e Monumentos, ou ainda, sob a forma de despertar a necessidade de vivenciar a cultura e a própria cidade.

Tais respostas por parte dos componentes dos grupos de alunos, estagiários e professores docentes, nos faz sempre reavaliar e reorganizar a cada ano, o projeto. Nos ajuda a pensar na disciplina história, seu papel, seu conteúdo e a sua responsabilidade dentro da formação de cada aluno ou futuro professor. Nos incentiva a defender que o professor deve e tem que ser também um pesquisador, que busca a construção de conhecimento, assume sua responsabilidade como um incentivador da participação do aluno no cotidiano da sua disciplina.

No ano de 2012, a turma de Preservação Ambiental, usa diretamente a paisagem aliada a idéia de Patrimônio, alunos do terceiro ano do Ensino Médio, saíram pelos bairros da cidade pesquisando entre as comunicades locais, o que essa definiria como patrimônio do seu bairro. Após o trabalho de campo realizado eles mesmo buscaram em órgãos oficiais, o que o Estado, considera patrimonio daqueles bairros que foram visitados.

As conclusões foram surpreendentes, em alguns bairros, o que a comunidade local considerava patrimônio do bairro: monumentos, prédios, ruas etc. não apareciam na lista do que denominamos no projeto de “Patrimônio Oficial”.

Como resultado os alunos passaram a ter a idéia da “construção do patrimônio”, verificar a participação do Estado e da Comunidade local, nessa construção. E, como a participação da comunidade influenciava na preservação ou não desse patrimônio. A idéia do

¹⁹ YAGIZI, Eduardo (org). Turismo: espaço, paisagem e cultura. São Paulo: EditoraHicitec, 1999, p.138

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

13

patrimônio ser ou não de fato um símbolo para aquelas comunidades os levariam a uma melhor conservação e preservação desse patrimônio.

O que busquei defender e demonstrar através desse breve relato de experiências, é que dentro da discussão de práticas na educação Patrimonial, a história se faz viva diante dos olhos dos alunos, quando adotamos algum objeto que crie o efeito do ‘Estive lá’, que dá a eles uma noção de pertencimento e de sujeito da história. Por essa razão defendo o uso da Paisagem como documento histórico, que nos auxilia em trabalhar não só a História como conteúdo programático dos anos escolares. Mas possibilita mostrá-la viva, pertencente ao seu cotidiano, e o Patrimônio Cultural (artístico e ambiental), ganha vida e importância ao ser visto como um registro vivo, que pode e deve ser construídos de várias formas, em vários espaços, por vários grupos. O Patrimônio passa a ser encarado de fato como um símbolo e dessa forma, a ideia de preservação para a ser muito mais compreendida e defendida por todos. Pois como sugeri a nossa constituição e a nossa legislação de patrimônio, a preservação, a conservação do nosso patrimônio é um direito e um dever, não só do estado mas como de toda a sociedade, para que possamos assegurar essa riqueza às gerações futuras.

Bibliografia

BITENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo : Cortez, 2004.

BLOCH, Marc. *Introdução à História*. Lisboa : Publicações Europa – América, 1998.

JACKSON, John Brinckerhoff. *Discovering the vernacular landscape*. New Haven: Yale University Press, 1984, p. 5

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *A (Re) Produção do espaço urbano*. São Paulo, Edusp. 1994

DRUMMOND, José Augusto. *A História Ambiental* in Estudos Históricos, Rio de Janeiro, Vol. 2 n. 8, 1991.

FUNARI, Pedro Paulo e PELEGRINI, Sandra C.A.. *Patrimônio Histórico e Cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

14

KANSKI, Vani Moreira. *Memória e Prática Docente*. In: *As faces da Memória*. Campinas: Centro de Memória/Unicamp, s/d. (Coleção Seminários 2)

LESSA, Carlos Lessa, *O Rio de todos os Brasis*, Rio de Janeiro, Ed. Record, 2001

PINSKY, Carla (org). *Fontes históricas*; São Paulo: Contexto, 2005, p.94.

SCHAMA, Simon. *Paisagem e Memória*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Cia. das Letras, 1995, p. 22-2

SILVA, Francisco Carlos In: Cardoso, Ciro e Vainfas, Ronaldo. *Domínios da História*. Rio de Janeiro; Elsevier, 1997. p.204

SILVA da. Maria da Glória. *Cidades turísticas: identidades e cenários de lazer*. São Paulo: Editora Aleph. 2004.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1997.

SAUER, Carl O. *A morfologia da paisagem*. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998. p. 12-74.

YAGIZI, Eduardo (org). *Turismo: espaço, paisagem e cultura*. São Paulo: Editora Hucitec, 1999, p.138.